



João Pedro Alcantara

CURSO – ENGENHARIA CIVIL/USP

“Aqui eu não era um dos melhores”

João Pedro Alcantara acaba de se formar em Engenharia Civil pela Poli USP. Na faculdade, participou durante três anos da Poli Júnior, onde iniciou e executou projetos de aplicativos para celulares, um deles premiado pela Secretaria Municipal de Saúde. Na graduação, adiantou matérias e fez o TCC no 4º ano, deixando o 5º ano para seus estágios. Em seus planos estão uma pós-graduação e depois a criação de uma *startup*. “Essa seria minha ideia principal, meu sonho.”

JC – Como foi a escolha de Engenharia Civil?

João – Eu nunca consegui responder a essa pergunta. Sempre tive afinidade com Exatas. Engenharia era minha escolha, mas por que Civil e não Elétrica, Produção, Mecânica? Sempre que alguém me pergunta isso eu falo que é porque meu pai gostava muito de trabalhar com imóveis; comprava, vendia, alugava. Acho que isso me levou um pouco para a área de Civil. Ele sempre falava que Engenharia era um curso muito amplo. Você podia trabalhar em obra, em uma empresa, em qualquer lugar que precisa de um cara para pensar um processo, uma execução.

Quando você entrou no Etapa?

Entrei em 2011, no 1º ano do Ensino Médio. Foi muito bom ter vindo para cá.

Como foi sua adaptação aqui?

Vim de um colégio onde eu era um dos melhores alunos, mas aqui eu não era um dos melhores. Até me abalei quando peguei algumas recuperações.

Você fazia alguma atividade extracurricular?

Sempre joguei bola, muito. Aqui no Etapa joguei basquete por um ano e meio. No 3º ano fazia inglês também.

E na Poli, como foi seu estudo ano a ano?

Os dois primeiros anos na Poli são bem complicados. O Biênio é quando você tem as matérias gerais de todas as Engenharias. Você tem algumas exclusivas, como Introdução à Engenharia Civil, Materiais de Construção Civil, e elas têm Cálculo, Física, Álgebra Linear, Mecânica. Esses são os piores anos porque há professores que não têm uma didática muito boa. Os índices de maior reprovação e de desistência na Poli são nesses dois anos. Passando isso, começa a melhorar. O 3º ano ainda é um pouco mais complicado, mas pelo menos na Civil o 4º e o 5º ano são bem melhores, você tem matérias muito mais específicas, com foco muito profundo e com professores muito mais didáticos e com uma facilidade muito maior de transmitir conhecimento. Além disso, tem matérias optativas. Você pode escolher matérias fora da Poli.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Civil

1

CONTO

Uma noite do século – Álvares de Azevedo

3

POIS É, POESIA

Cruz e Sousa – (1861-1898)

4

ESPECIAL

Aluno do Etapa conquista prata na Ibero-americana de Química

5

ESPECIAL

Alunos do Etapa avançam para a final de torneio de Robótica

5

ESPECIAL

Alunos do Etapa ganham medalhas em torneio sul-americano

6

ESPECIAL

Alunos do Etapa conquistam medalhas na Olimpíada de Maio

6

ESPECIAL

Aluno do Etapa ganha ouro na Ibero-americana de Matemática

7

ESPECIAL

Aluno do Etapa ganha prata na Ibero-americana de Biologia

8

(ENTRE PARÊNTESES)

Mais um de vestibular

8

Que optativas você escolheu?

Fiz matérias de Educação Física, fiz matéria de Marcenaria na ECA, curso de Excel na Poli. Fiz uma aula de Economia na FEA. A USP dá uma integração muito grande de tudo.

Você chegou a participar de alguma atividade extra?

Particpei da Poli Júnior. Quando entrei eu queria muito ter uma visão de empresa. A empresa júnior da Poli é a maior do Brasil. Na época tinha 120 membros.

Você ficou quanto tempo na Poli Júnior?

Fiquei três anos lá. Você entra como *trainee*, vira analista, depois gerente e tem opção de ser diretor. No meu caso foi diferente: “Já faço Civil, vou fazer tecnologia”. Virei gerente no final do meu 2º ano e desenvolvi um aplicativo de celular chamado PEptec, para auxílio na profilaxia pós-exposição ao HIV. Uma professora da Escola de Enfermagem da USP entrou como coautora. Ganhamos o Prêmio Márcia Regina Giovanetti, dado pela Secretaria Municipal de Saúde pela relevância do combate ao HIV. Esse projeto é uma das coisas que eu mais me orgulho de ter feito. Gerenciei um segundo aplicativo, Cuidadores de Pessoas com Síndrome de Down, para um médico do Fleury.

Você ficou três anos na Poli Júnior. E depois?

A pessoa da Secretaria de Saúde com quem eu tinha contato veio falar comigo para fazer mais um projeto, mais um aplicativo. Disse que topava, mas não estava mais na empresa júnior. Então abri uma empresa, uma MEI e fiz um projeto de aplicativo para eles, um projeto de transmissão vertical, quando a mãe passa DST para o filho. Isso foi no 4º ano.

Com a MEI, você conseguiu uma remuneração melhor?

Consegui. Se você for contratar uma empresa para fazer um aplicativo, ela cobra horrores. Como eu era sozinho, cobrei pouco, mas para mim era muito.

O que você fez no 5º ano?

O 5º ano foi bem mais tranquilo. Na Poli, no seu 5º ano você pode escolher um módulo para fazer. Basicamente, um foco da Engenharia Civil. Por exemplo, na Engenharia Civil você tem Fundações, Transporte, Mercado Imobiliário etc. Então, em vez de fazer matérias gerais, você escolhe um módulo. Cada módulo tem uma diretriz, matérias diferentes. Acabei optando por *Real State*, área de imóveis. Era a matéria de que eu mais gostava nos outros anos.

No último ano você tinha de fazer o TCC também?

O TCC eu já tinha feito no 4º ano. Queria me formar exatamente em cinco anos.

Foi individual o seu TCC?

Podia fazer individual, mas eu fiz em grupo de quatro. Na verdade, éramos três, mas um aluno estava sozinho e a professora acabou colocando-o com a gente.

Qual foi o tema?

O tema do TCC foi “Análise de Público de *Coworking*”. O foco era estudar o público que usava *coworking*. Idade, meio de transporte, o que eles prezam, do que não gostam. A nossa bibliografia foi toda para analisar o que é *coworking*, descrever.

Tem uma bibliografia nesse sentido?

Tem bastante, sobre o que é o WeWork, como ele surgiu, o que ele visa. Só que sobre público não tinha nada. Nosso trabalho foi muito legal por causa disso, fizemos uma coisa que ninguém tinha feito. A gente foi na WeWork na Paulista, na WeWork na Faria Lima e também perto do Butantã.

Você fez estágio?

No meu último ano acabei priorizando estágio. Muitas pessoas fizeram estágio no 4º ano, mas eu deixei o estágio para o 5º ano. Para isso, no 4º ano eu puxei matérias do 5º. Para não sobrecarregar muito o final, inflei meus semestres iniciais, fiz optativas a mais. No meu último ano eu tinha apenas três matérias.

Onde você fez estágio?

Fiz estágio durante seis meses numa *startup* da construtora Mitre. Eu mexia no sistema de alocação de pessoas em um prédio para estudantes, tinha de controlar gastos. Sai em julho e em agosto entrei no Citibank.

No Citi, o que você fez?

Ainda estou lá. Trabalho na área de derivativos.

O que te levou a ir para uma área nova?

Eu sempre falava que nunca ia trabalhar em banco. Achara um desperdício trabalhar em banco porque o engenheiro tem uma capacidade criativa muito boa e banco não tem essa mobilidade. Mas saí da construtora porque ganhava menos para trabalhar muito mais. Não tinha horário para ir embora. Isso me desgastou bastante e acabei indo para banco. A remuneração era maior e a carga horária, muito menor. Do meu grupo de amigos, todo mundo foi para banco. Todos. Banco atrai muito porque vai atrás de engenheiro; o engenheiro tem o pensamento lógico muito bom, agrega muito para o banco. E a remuneração do banco é maior que a média. Se não fizer banco, é porque você realmente gosta muito da Engenharia.

Você levou cinco anos e meio para se formar na Poli. Por que ficou seis meses a mais?

Fiquei exatamente para estagiar. Entrei em agosto no estágio e normalmente se exige um ano para tentar efetivação. Acabei prolongando minha graduação para ficar no Citi. Eu não queria me formar sem trabalhar.

Você pensa em continuar estudando, fazer pós-graduação?

Com certeza. A pós-graduação é uma certeza na minha vida. Eu penso muito em fazer uma pós-graduação fora. Mas não sei em qual área. Se continuasse no banco, eu faria alguma coisa relacionada a Finanças, Economia.

Como você se vê daqui a 10 anos?

Não sei. Eu gostaria de ter a minha empresa. Desenvolver alguma coisa, pensar num aplicativo, pensar num sistema, abrir uma *startup*. Essa seria minha ideia principal, meu sonho. Tem muitas possibilidades.

Quais recordações você guarda da época do colégio?

A coisa de que eu mais gostava era da gincana do Etapa, acho que era o momento mais legal do ano. Tinha um pessoal incrível. Fui em todas as gincanas. Também lembro dos amigos, dos professores. Tive professores muito bons.

Você tem amigos do colégio ainda?

Tenho. Aqueles próximos, tenho até hoje.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

As pessoas em geral têm a ideia de que existem só três grandes carreiras: Direito, Engenharia e Medicina. Não é assim. Em qualquer carreira, se a pessoa se dedicar bem, ela tem possibilidade de ser um bom profissional e muito bem-sucedido.